



B. N. L. 26 JUN 1979 DEP. LEG.

B-160

PORTE PAGO

# CORREIO DO SUL

SEMANARIO REGIONALISTA

Director: MARIO LYSTER FRANCO

## A Câmara de Portimão e a Protecção do Património Cultural do Concelho A Pedra Moirinha

Pelo Prof. Doutor Carlos Teixeira

SOB este assunto publiquei no número 17-18 da revista NATURALIA (1959-61) pequena notícia em que chamei a atenção para o monumento arqueológico com que deparei durante trabalhos de geologia de campo, realizados nos arredores de Portimão. Trata-se de penedo de sieno nefelítico, proveniente, sem dúvida, da vizinha serra de Monchique, distante cerca de 20 km; na altura o penedo, estava assente sobre formações miocénicas. Localizado à margem de caminho vicinal, junto dele crescia alfarrobeira verdejante. Acerca desta pedra, correm na região diversas lendas. A própria designação indica claramente o significado do penedo que, certamente, foi trazido da serra mencionada pelos habitantes pré-históricos da região, a fim de homenagear a memória de chefe ou pessoa eminente da tribo. A natureza petrográfica da pedra não deixa dúvidas quanto à proveniência da mesma.

Representa provavelmente monumento do tipo menhir, da mesma índole das pedras talhas da região de Évora

O transporte de Monchique para o local em que se encontra deve ter constituído para os nossos antepassados pré-históricos trabalho digno de admiração pelo esforço a que obrigou, demonstrativo de tarefa colectiva dos que nessa altura habitavam a região; o trabalho em conjunto, para finalidade comum, era nessa época habitual.

Na ocasião em que examinei este bloco (e estive lá várias vezes) pareceu-me aconselhável tirá-lo do local em que se encontrava e proceder ao exame das terras sobre que repousava a fim de procurar elementos geológicos e arqueológicos susceptíveis de lançar luz acerca da época em que foi utilizado. Nesse sentido, entendi dever chamar a atenção do Sr. Presidente da Câmara de Portimão para o assunto, a fim, não só de proteger o monumento, mas de o valorizar, tão raro e digno de respeito ele é.

Aconteceu isto antes do 25 de

4.ª PAGINA



A Pedra Moirinha quando se principiou a falar dela

## Um acontecimento notável

## O que foi a 33.ª Conferência Rotária efectuada em Albufeira

Por Armando de Aguiar (Especial para o «Correio do Sul»)

DECORREU num ambiente de grande brilhantismo e companheirismo a 33.ª Conferência Rotária do Distrito 196, da governadoria do sr. António José Saraiva, das mais eficientes que se têm efectuado nos últimos anos em Portugal e que se realizou em Albufeira, mais propriamente no moderno e luxuoso Hotel de Montechoro, de recente inauguração, numa organização que se pode classificar de impecável, tais os cuidados e previ-

sões para que tudo corresse pelo melhor, que a comissão organizadora desse arepago preparou. Cerca de 700 rotários e suas famílias, deslocaram-se de todos os pontos do país, utilizando os mais diversos meios de transporte, alguns mesmo o aéreo desde Monção, para que, no dia 27, a partir das 16 horas, o átrio

do Hotel registasse uma azáfama com a chegada, consecutiva, de visitantes. Todos foram prontamente atendidos por uma comissão de recepção constituída pelos srs. Olívio Brazão, Manuel Pardana, Sallas Fernandes, Cândido Coelho, Francisco Valentim, Freddy Eberlin, António Gonçalves e Cabrita Neto, presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, e ainda Fernando Martins, Mesquita Rodrigues e Bernardi, no Ramos.

Os trabalhos preliminares da inauguração oficial da 33.ª Conferência iniciaram-se com uma reunião do governador, presidente do Rotary Clube de Albufeira, comissão organizadora e moderadores, brigadeiro Mendes Quintela e dr. Amadeu Ant.

2.ª PAGINA

## Associação de Apoio a Idosos em Santo António dos Capuchos

SABEMOS que, à semelhança do que já acontece em vários pontos do País e até do Algarve, onde instituições semelhantes já se encontram funcionando com inegável êxito, vai ser criada em Faro uma ASSOCIAÇÃO DE APOIO A IDOSOS.

Iniciativa digna do melhor aplauso, pretende-se com ela não criar propriamente um Lar e ainda multissimo menos um Recolhimento ou um Asilo, mas apenas uma espécie de Centro de Convívio, em que as pessoas mais idosas, do escalão a que se chama vulgarmente agora da Terceira Idade, encontrem, durante as horas que pretendam, um pouco daquela distração que já dificilmente podem usufruir em conjunto com a juventude radiosa, mais ou menos irreverente e iconoclasta que, legítima ou ilegítimamente, procura invadir todos os recintos.

Para a sua instalação constam-nos que vai aproveitar-se o que ainda resta do antigo Convento de Santo António dos Capuchos, junto à Igreja da mesma invocação, o que constitui aliçante de grande valia, edifício em que esteve durante alguns anos a cadeia comarcã, o que não

3.ª PAGINA

## Postais para o Algarve

Pela D.ª Mariana Amélia Machado Santos

(43) — Um «Postal» mais longe EM PROL DE OLHAO

Quando estou no Algarve, vou sempre à minha terra: OLHAO, como quem vai visitar uma avozinha querida que foi a primeira a apresentar-se-nos de sorriso embevecido!

E siga direita ao mar de pedrarias (!) de João Lúcio, àquela Ria brilhando ao sol, que embalou barcos e mastros, sonhos e destinos de mareantes e marítimos de outras eras, e que imprimiu à Vila o cunho do seu ambiente de labuta, viagens, pescarias e lendas, relembraíveis ao luar reluzente das açoteias e mirantes!

Recordo dois escritores algarvios, já falecidos, encantados por ela: o advogado José Dias Sancho, quando lhe deu o nome de VILA CUBISTA, e o médico Francisco Fernandes Lopes, o melhor cicerone de Olhão, que tudo deixava para mostrar, por becos e ruas estreitas, o aspecto ímpar da sua terra branquinha, terminando por conduzir ao mirante de sua casa o estrangeiro ou o português de fora, que visitasse pela primeira vez a «vila mais característica de todo o

3.ª PAGINA



## Centenário de Sousa Costa

NASCIDO a 10-V-1879, passou há dias o centenário do grande escritor Sousa Costa.

4.ª PAGINA

**CORREIO DO SUL**  
 Redacção e Administração  
 Travessa da Conceição, 14  
 Telefone 25300 FARO  
 Número avulso: 5500

Proprietário  
 ALVARO DE LEMOS  
 (Herdeiros)

Composição e Impressão  
 TIPOGRAFIA UNIÃO,  
 Telefone 22519 FARO

## Lisboa, tantos de tal Lembranças do «Algarve em Lisboa»

Por Telmo Mouta Felgueiras

MAIS de duas semanas longe de Lisboa, isolado entre serras dos Pequenos Herminios, beneficiado da ausência dos periódicos citadinos e a pouquíssima rádio que escutei não me informou dos acontecimentos culturais.

Regressei dessas paragens cheias de interesse com o desejo de consultar o livro «Terras de Odiana», do Dr. Possidónio Laranjo Coelho, obra que não possuo mas onde sabia existir resposta para muitas dúvidas que trazia sobre o que vira e ouvira em aldeias e lugarejos espalhados em torno do Marvão.

Cheguei tarde, mas mesmo assim, no outro dia estava cedinho na Biblioteca Nacional de Lisboa para requisitar o almejado livro quando na

entrada — e com surpresa devido a esse prolongado isolamento por terras arraianas — me saltou à vista o anúncio de que nesse mesmo dia, 15 de Março, seria ali inaugurada a «Exposição Bibliográfica e de Artes Plásticas» integrada no programa da quinzena «Algarve em Lisboa», organizada pela Casa do Algarve em colaboração de várias instituições conforme «Correio do Sul» já deu conta na sua edição de 15 de Março. Embrenhei-me na consulta e leitura

4.ª PAGINA

## I Jogos Florais do Sul de Portugal

POR iniciativa e em organização dirigida pelos Poetas Hermínio de Oliveira e Major Vitor Castella, vão realizar-se nesta cidade, em data que será oportunamente divulgada, os I GRANDES JOGOS FLORAIS DO SUL DE PORTUGAL, abertos em várias modalidades, dedicados às diferentes comunidades portuguesas espalhadas pelo Mundo e levados a efeito em moldes, se não originais, pelo menos nunca, até ao presente, adoptados entre nós.

Sabemos que a notícia, que aliás pela primeira vez vem a público, esta já, no entanto, a despertar grande interesse em vários meios cultos do País.



## Temas de Saúde

Pelo Dr. Varella Pires

## Suicídio

(CONCLUSÃO)

São candidatos ao suicídio:

1 — Aqueles indivíduos com história familiar de suicídio. Este é tão «contagioso» como o alcoolismo, a depressão, as fobias. Tem-se registado que o suicídio muitas vezes sucede-se em cadeia nas famílias. Suicida-se um filho. Suicida-se a irmã e mais tarde a mãe, quando não também o pai. Comportamento apreendido de alguém como um exemplo.

2 — Os que tenham história prévia de tentativa de suicídio. A primeira tentativa é sempre extremamente difícil. É habitualmente impulsiva ou o resultado dum stress grave e prolongado. Todavia, uma vez feita uma tentativa, parece mais fácil executar outras, e as possibilidades de concretização aumentam.

3.ª PAGINA

## Forte de São Lourenço da Barra de Faro — Acheegas para a sua localização

Pelo Eng. António da Fonseca Leal de Oliveira

(Continuação do número anterior)

2.42. Antes de ensaiarmos algumas conclusões do conjunto de elementos históricos que temos vindo a apresentar vamos ainda transcrever algumas notas históricas retiradas do «Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses» da autoria do General João de Almeida publicada em 1948.

Segundo este autor na zona da Barra Grande teriam

3.ª PAGINA

## Encontro da ANOP com a Imprensa Regional

COMO tínhamos anunciado, a ANOP, Agência Noticiosa promovida, no passado dia 5, no Hotel EVA, desta cidade, um encontro com a Imprensa Regional, para estudo e análise das possibilidades de apoio que lhe possa prestar no sentido da sua promoção e desenvolvimento.

A reunião foi bastante concorrida

4.ª PAGINA

## Gostariamos apenas de entender...

VIELO até nós a notícia de que, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, se realizou há dias e durante vários dias nesta cidade um chamado seminário mais ou menos subordinado ao tema de «Museus e população locais — participação e integração».

É óbvio que achamos bem. E se alguma coisa temos que lamentar e lamentamos é que não tivesse havido já não dizemos a delicadeza mas pelo menos a preocupação de prevenir — também não dizemos convidar — do facto aquelas pessoas — e infelizmente bem poucas são — que têm dado provas públicas de se interessar pela matéria e aqueles jornais — que também não são muitos — que desde sempre têm dedicado a assuntos exclusivamente culturais o melhor das suas colunas.

E entre estes — é óbvio — o CORREIO DO SUL não recebe confrontos...

E estamos como o outro. Não queremos que nos expliquem. Gostariamos apenas de entender...

## BILHETES DE VISITA

Fazem anos:

Hoje, 17, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Correia Rico Viegas, a menina Silvia Paula Barragão Ferro Dias e o sr. João Eduardo Cruz Teixeira de Azevedo.

Em 18, a sr.<sup>a</sup> D. Maria José Mimoso Faisca, os srs. Dr. José Domingos Garcia Domingues, Dr. José Calado Gago de Magalhães e João Henrique Bivar de Melo e Sabo e o menino Paulo Alexandre de Souza Pereira Pinto da Silva.

Em 19, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Otília Neves Girão Marques, D. Maria de Lourdes Franco Coelho, D. Maria Vitória Pacheco Quintas e D. Augusta Maria Lopes Aleixo, o sr. José Manuel Serra Herdade e o menino José Manuel Martins Gonçalves Roberto.

Em, as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Graça Beatriz de Carvalho Gonçalves Costa, D. Beatriz Maria de Brito Costa, e D. Maria Julieta Filipe Pereira e o sr. Dr. Carlos Alberto Remachado Mendes Uva.

Em 21, as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Glória Júdice de Abreu Fialho Calado, D. Maria da Glória Júdice de Oliveira Teixeira, D. Maria Emília Pacheco de Magalhães Pinheiro, D. Maria Cândida Gonçalves de Oliveira Jerônimo Guerreiro, D. Maria Margarida Blasques Telhada Versos Cravino e Eng.<sup>a</sup> D. Maria Manuela Salgadinho Lema Escova Fialho da Rosa e o sr. Augusto Manuel Lopes Aleixo.

Em 22, as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Graça Figueira Ferreira de Almeida Júdice Gamito, D. Melusina Pousão Lopes, D. Maria José Pires de Sena Baptista da Silva e D. Maria Helena Martins de Castro.

Em 23, as sr.<sup>as</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Virgínia Baião Pinto Viana Fonseca Lousa, D. Isabel Maria Ortigão de Melo Sampaio de Freitas e D. Maria da Conceição de Brito Mendonça e o menino Fernando Miguel Martins Gonçalves Roberto.

Em 24, a sr.<sup>a</sup> D. Otília do Carmo Correia José e os srs. Dr. António da Silva Gonçalves e José Carlos Mendes Madeira do Rosário.

9m 25, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Saudade de Oliveira Peres.

Em 26, a sr.<sup>a</sup> D. Eugénia Maria Pereira Caldas Teixeira Reis de Bivar Weinholz e o sr. Francisco Pimenta.

Em 27, as sr.<sup>as</sup> D. Maria da Soledade Inglês do Ó Ramos e D. Maria Emília Rua de Freitas e o sr. Dr. F. Falcão Machado.

Em 28, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Silva de Sousa Costa e o sr. Carlos Eduardo Aleixo da Cruz.

Em 29, as sr.<sup>as</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Manuela Sinta da Silva Rema Alves e D. Amélia Passos Valente Dias Pires, a menina Mafalda de Souza Pereira Pinto da Silva e os srs. Prof. Doutor Fernando Manuel Archer Moreira Paraiso de Pádua, Dr. Manuel Sanches Inglês Esquivel e João Domingos Fernandes David.

Em 30, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Margarida Reis de Bivar Weinholz, D. Florinda Dias Uva e D. Fernanda Maria Ferro Marçal Martins e o sr. Dr. Francisco Ascensão Mendonça.

\*

Acompanhado de sua família, regressou de Albufeira à sua casa em Lisboa, o antigo magistrado judicial, nosso estimado comprouviano e velho amigo sr. Dr. Francisco de Albuquerque Rebelo.

\*

Em serviço profissional, esteve durante alguns dias no Algarve, o nosso estimado assinante e prezado amigo sr. António Fernandes Pinto Villas-Boas, residente em Lisboa.

## Justificação

CERTIDÃO

CARTÓRIO NOTARIAL DE ALBUFEIRA

A cargo do notário licenciado Adolfo Armando Jorge Batalha

CERTIFICO - narrativamente, para efeito de publicação, que neste cartório e no livro de notas para escrituras diversas número B-60, de folhas 35, a folhas 36, se encontra exarada, com data de hoje, uma escritura de Justificação Notarial, na qual Manuel Rodrigues Viola e mulher Alda da Glória Vitoriano Nobre, residentes na povoação e freguesia de Armação de Pera, concelho de Silves, se declaram, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: «Prédio rústico que se compõe de terra de semear com árvores, no sítio de Pedra de Escorregar, da freguesia da Guia, concelho de Albufeira, a confrontar do nascente, norte e sul com António José Gonçalves Mariano e do poente com caminho, inscrito na respectiva matriz em nome de Manuel José Vitoriano, sob o artigo número oitocentos e doze, com o rendimento colectável de cento setenta e três escudos e valor atribuído de cinquenta mil escudos.

MAIS CERTIFICO - que os justificantes alegam na dita escritura, que o referido prédio veio à sua posse por a justificante mulher o haver herdado em partilha judicial efectuada por óbito de seu avô Manuel José Vitoriano Júnior, viúvo, natural da freguesia da Guia, onde residia, no sítio da Fonte, há mais de cinquenta anos.

VAI CONFORME AO ORIGINAL.

Albufeira, 9 de Maio de 1979.

O Notário,

(a) ADOLFO ARMANDO JORGE BATALHA

A 33.<sup>a</sup> Conferência Rotária em Albufeira(continuação da 1.<sup>a</sup> página)

drés, Seguiu-se um «cocktail» oferecido pelo Hotel Montechoro e um jantar, solenizando a abertura da Conferência presidida pelo Governador Saraiva, em cuja mesa de honra, entre outros e senhoras, se sentavam o Bispo da Diocese, o representante do Presidente do Rotary Internacional, sr. Pierre David, os representantes dos clubes rotários de Madrid, Badajoz e Sevilha, antigos governadores e presidentes de alguns clubes rotários. Por detrás da mesa de honra enfileiravam-se, ladeando o pavilão nacional, os dos países com rotários ali representados, o da ONU e o do Rotary Internacional. Distribuídos por dezenas de mesas sobre as quais se encontravam centenas de flâmulas dos milhares de clubes rotários espalhados por todo o mundo (135 países e regiões rotárias), sucediam-se os representantes dos 50 clubes de Portugal, num ambiente de camaraderismo de inextinguível alegria. O Governador António José Saraiva declarou aberta a 33.<sup>a</sup> Conferência Rotária e irrisou que muito dela havia que esperar para a construção de um mundo melhor, uma vez que se iam tratar de vários problemas da mais transcendente importância. Saudou as representações estrangeiras deslocadas especialmente, os rotários das mais diversas regiões do país continental e insular e teve referências especiais para o representante do Rotary Internacional e Imprensa. Outros oradores referiram-se, também, ao alto significado da reunião, que terminou com um magnífico espectáculo, organizado pelo Conservatório Regional do Algarve, com números desde o bailado, ao orfeão e outros mais populares, que mereceram entusiásticos aplausos.

OS DOIS PRINCIPAIS TEMAS DISCUTIDOS

Dois temas estiveram na base das discussões da 33.<sup>a</sup> Conferência Rotária. O primeiro foi o que tinha a subscrever-lo o presidente do Rotary Clube de Lisboa-Oeste, brigadeiro João de Deus Mendes Quintal e versava «O Distrito Rotário 196 e a Terceira Idade». Intervieram, na apreciação e discussão o eng.<sup>o</sup> Marcelino Chaves, de S. João da Madeira que defendeu a constituição de uma comissão a nível distrital para acompanhar os problemas da terceira idade; Artur Valente, de Castelo Branco, que propôs a elaboração de um estatuto que permitisse a organização dos serviços da terceira idade; José Sempere, de Viseu, que alviou a celebração do «Ano Internacional da Terceira Idade»; Zamith, de Guimarães, e Gago da Silva, de Setúbal. Intervieram ainda, Luísa Filipe Rodrigues, da Amadora; o almirante Armando Reboredo, de Lisboa, que propôs que em todos os clubes rotários do país se prosseguissem estes fins de apoio à velhice; J. M. Cordeiro, de Santarém, que sugeriu a participação de rotários, na gestão de lares que abundam pelo país; Venceslau, de Sintra, que condenou a feição caritativa que é norma comum, recomendando, antes, compreensão pelos direitos da pessoa idosa e Armando Teixeira, de Santarém, que levantou o problema do direito ao trabalho da pessoa idosa, propondo que se defenda a continuação no trabalho depois da aposentação. Finalmente encerrou os trabalhos o Bispo do Algarve, que felicitou os rotários pela forma elevada e objectiva como trataram a análise de tão magno problema social. Foi a primeira vez que um Bispo católico participou, directamente, numa conferência Rotária Portuguesa.

A discussão do tema «O distrito rotário 196 e a terceira idade» provocou, com aplauso geral, as seguintes conclusões: 1) — proposta à UNESCO para a celebração do Ano Internacional dos Idosos; 2) — constituição de uma comissão a nível distrital, para estudo dos problemas relativos à defesa dos direitos dos idosos, a qual difundirá pelos clubes os ensinamentos colhidos; 3) — criação de uma comissão encarregada da elaboração dos estatutos para o clube dos rotários veteranos.

«O ano internacional da criança e do Rotary» foi o tema apresentado pelo prof. Dr. Amadeu Baptista André, do Rotary Clube de Lisboa-Norte. Começou por afirmar que considerando que todo o bem estar proporcionado às crianças contribui para a melhoria do mundo de amanhã, que essa criança se transformará no homem que a sociedade dela fizer e que os clubes rotários podem sensibilizar a opinião pública e as próprias autarquias locais quanto às carências das crianças das suas comunidades; sugeriu que a educação pré-escolar seja acessível a todas as crianças portuguesas; e nas escolas, haja, sempre uma cantina para omecer o reforço racional à alimentação dos alunos; que todas as escolas primárias sejam visitadas, pelo menos, trimestralmente, por um médico e por um odontologista; que em toda a escola haja sempre água potável, um recreio coberto e aquecimento nas regiões frias; que se combatam atitudes negativas como a mendicância das crianças, os maus tratos e o abandono; que a Previdência forne-

ça, gratuitamente, os medicamentos às crianças até aos cinco anos de idade; que seja incentivada a publicação de literatura infantil educativa e reprimidas as revistas pornográficas; que se publique um regulamento a nível nacional da escolaridade para as cerca de 90.000 crianças deficientes; que sejam criados nas localidades grupos de teatro infantil como meio didático de fomentar a cultura tradicional portuguesa e se faça um intercâmbio entre as escolas e os clubes desportivos locais para que as crianças possam utilizar as instalações gímnodessportivas e se habituem, desde tenra idade, à cultura física, devidamente vigiada por técnicos credenciados.

Sob o tema de trabalho do prof. Dr. Amadeu André intervieram com propostas, os srs. Dieter Jess, de Cascais-Estorial, alviando que às crianças pobres fossem proporcionados fins-de-semana pelos rotários; governador Saraiva, lembrando o Rotary de Vila Nova de Gaia que criou a aldeia S. O. S.; Rebelo Soares, do Porto, sugerindo que a Previdência cobrisse as despesas com a saúde delas; Mário Pereira, de Portimão, cujo clube já criou um parque infantil e fazendo votos que o seu gesto seja imitado; Agostinho Santos, de Vila Nova de Gaia que se referiu ao auxílio dado pelos rotários franceses à construção da aldeia S. O. S.; Dr. Almeida Ribeiro, de Lisboa, que disse ser o Estado o principal obrigado a velar pelas crianças e lamentando que a respectiva Convenção Internacional se arraste pelo obstruccionismo levantado pelos países de Leste e do 3.<sup>o</sup> Mundo, que deviam ser os mais interessados e dr. Pinto Ribeiro, de Matosinhos, afirmando que o ensino pré-primário é aquele que mais interessa aos clubes rotários pôr em execução.

No entanto, não foram, só os rotários que no Salão Verde do hotel tomaram parte nos debates sucessivamente realizados. Também estiveram presentes muitas senhoras, entre as quais as representantes do Zonta Clube, D. Fernanda Pereira Coutinho, presidente, D. Adriana Sá Carneiro Anselmo e D. Maria Fernanda Santos Fernandes. Mas quem deu o momento alto nesta primeira sessão dos rotários, foi a presença do Bispo do Algarve, D. Ernesto Gonçalves Costa, pois foi, como já se disse a primeira vez que um alto titular da Igreja participou, directamente, numa Conferência rotária portuguesa.

A PLANTAÇÃO DA «ÁRVORE DA AMIZADE»

Outro momento alto da 33.<sup>a</sup> Conferência Rotária foi a plantação da «Árvore da Amizade», um «hibiscus Rosa-Sinensis» (Rosa da China) no jardim do Largo Eng.<sup>o</sup> Duarte Pacheco, em Albufeira, junto ao monumento que consagra a memória do grande pintor algarvio, Samora Barros. O representante do Rotary Internacional, Piérre David, e o governador António José Saraiva plantaram a «Árvore da Amizade» com a presença de centena de rotários e da população local enquanto a filarmónica da Sociedade Musical e Recreio Popular de Pademe, a mais antiga do sul do País, sob a direcção do sr. Manuel Guerreiro de Brito, executava marchas festivas.

Os principais dirigentes dos rotários apresentaram cumprimentos à Câmara Municipal de Albufeira e no jantar de gala, encerramento da Conferência, estiveram presentes as principais autoridades civis e militares do Algarve.

SETE NOTAS DE REPORTAGEM

● A presença do Bispo do Algarve na Conferência Rotária, se bem seja um caso inédito como já foi acentuado, procede a adesão, como rotário, do Clube de Estarreja, do sr. D. Francisco Teixeira, Bispo resignatário de Nampula, durante uma cerimónia a que presidiu o então governador dr. Angelo de Almeida Ribeiro.

● O representante do Rotary Clube de Madrid, próximo presidente, 1979-1980, sr. D. Sebastian Enseñat, propôs, e foi aceite, com aplausos que se realize em Setembro próximo, naquela capital, o 1.<sup>o</sup> Congresso Ibérico do Rotary.

● «Vale a pena viver em Rotary, pois Rotary é exacto», foi a conclusão do governador Saraiva quando saudava a assistência num dos discursos que pronunciou. Também, por sua vez, Piérre David fez um rasgado elogio a Portugal e à forma como tinha sido organizada aquela Conferência, pelo Rotary Clube de Albufeira.

● O sarau artístico organizado pelo presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, sr. Caribita Neto, também rotário, esteve a cargo do Conservatório Regional da província, e constituiu uma verdadeira e notável revelação para muitos dos presentes.

● Póvoa do Varzim foi escolhida para a realização da 34.<sup>a</sup> Conferência Rotária, em 1980, e eleito Governador para 1980-1981 o dr. Menéres Pimentel, médico em Portimão. Para o ano rotário de 1979-1980 vai-se desempenhar o cargo de Go-

## Certidão

CARTÓRIO NOTARIAL DE ALBUFEIRA

A cargo do notário licenciado Adolfo Armando Jorge Batalha

CERTIFICO - narrativamente, para efeito de publicação, que por escritura de ontem, lavrada de folhas 31, a folhas 33, no livro de notas para escrituras diversas número B-60,

Temas de Saúde

(continuação da 1.<sup>a</sup> página)

driase marcada ou ilusão somática. O doente queixa-se de sensações estranhas na cabeça ou está convencido que tem uma «doença terrível» como por exemplo a sífilis, a trombose, o cancro, etc...

6 — Aqueles que tenham o temor obsessivo de serem ridículos ou de darem espectáculo perante os outros. Lembrem-nos que um forte sentimento de embaraço ou de vergonha é um mau sinal.

7 — Os indivíduos que abusam do álcool (alcoolismo crónico, ou mesmo agudo) e de drogas.

8 — A idade também tem a sua importância. A medida que a idade aumenta, cresce o risco de suicídio conseguido; note-se que a tentativa de suicídio ou gesto suicida é mais comum no jovem. Porém, o índice de suicídio na adolescência está a subir rapidamente, nos últimos anos. Os adolescentes são quase tão imprevisíveis como os esquizofrénicos, portanto qualquer sinal de agitação ou depressão deve ser cuidadosamente avaliado pelos familiares, ou tutores, médico da família ou médico psiquiatra.

9 — Os que vivem sós. O viver só aumenta o risco de suicídio. Assinalamos: o sentimento de estar só é ainda mais importante do que o facto de estar só. Diz o povo e com razão: «A solidão conduz muitas vezes ao desespero e este à auto-destruição. A um ser que perde a fé, a alegria e a esperança de viver parece já nada restar.

10 — Os que sofrem a infelicidade de ter uma doença grave. A presença duma doença grave (cancro, doença crónica de qualquer sistema), potencialmente fatal ou extremamente desconfortável, aumenta o risco de suicídio.

11 — O estado civil, parecendo que não, também tem a sua importância no suicídio. Os divorciados apresentam um maior risco que os solteiros e estes mais do que os casados. Salientamos que este risco é muito relativo.

12 — A incidência de suicídio é maior na primavera ou no outono. Para alguns o Natal é a época mais infeliz, mais triste do ano! Embora o índice de suicídio não seja maior, nesta quadra festiva, o seu aspecto é mais dramático e tem maior repercussão social.

13 — Aqueles que apresentam perda recente de alguém amado, por separação, divórcio ou morte. A perda desse alguém que, às vezes até significava tudo para determinado indivíduo, é cruel e terrível, tão cruel e terrível e desanimadora que desencadeia frequentes vezes o suicídio.

14 — A falta de afecto, o orgulho, a inveja, o despeito, o sentimento da traição, o adultério, as dívidas de dinheiro, a perda de um negócio lucrativo principalmente podem conduzir inelutavelmente ao suicídio.

Procuramos sempre e em qualquer lugar evitar o suicídio de quem quer que seja, indagando o motivo que o leva a tal, fornecendo-lhe a ajuda moral ou/ e material que necessita.

A vida humana não tem preço!

VARELA PIRES

venador, o sr. Maurício Pires, do Rotary Clube de Braga. Foi dado como em fase de conclusão o processo de admissão do Rotary Clube de Vila Real de Santo António e aceites como sócios, da Amadora, Joaquim da Conceição Fernandes, decorador e de Albufeira, José Dias Veiga, director hoteleiro e Domingos Chagas, assessor administrativo da Lusotur, cujos emblemas lhes foram impostos pelo sr. Piérre David. Duas representações que através dos respectivos galhardetes mais atenção despertaram, foram as do Rotary Clube de Recklinghausen-Vest, da Alemanha e de Curarutaba, do Estado de S. Paulo, Brasil.

● No final o Governador Saraiva dirigiu agradecimentos ao proprietário do Hotel Montechoro, sr. José Maria Duarte Junior e esposa, e a todo o pessoal que ali trabalha.

● A 33.<sup>a</sup> Conferência Rotária teve a colaboração da Câmara Municipal de Albufeira, da Comissão Regional de Turismo do Algarve, dos clubes rotários de Faro e Portimão e de muitas entidades particulares da Província.

ARMANDO DE AGUIAR

deste cartório, entre José da Silva Catuna, Alzira da Conceição Martins Catuna, José da Luz Romão, Maria Julieta Batista Romão, António João da Silva Palmeira, Ana Paula Martins Catuna e Mário José Batista Romão, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Art.º 1.º) — a Sociedade adopta a firma «CATUNA, ROMÃO & PALMEIRA, LIMITADA», tem a sua sede no sítio de Ferreiras, da freguesia e concelho de Albufeira, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje; Art.º 2.º) — a Sociedade tem por objecto a exploração da indústria de britas e a comercialização de materiais de construção civil, podendo explorar outro ramo de actividade em que os sócios acordem e seja legal; Art.º 3.º) — o capital social é de 1 800 000\$, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: uma de 240 000\$00, do sócio José da Silva Catuna, uma de 180 000\$00, do sócio Alzira da Conceição Martins Catuna, uma de 240 000\$, do sócio José da Luz Romão, uma de 180 000\$00, do sócio Maria Julieta Batista Romão, uma de 600 000\$00, do sócio António João da Silva Palmeira, uma de 180 000\$00, do sócio Ana Paula Martins Catuna, e uma de 180 000\$00, do sócio Mário José Batista Romão;

Todo o capital encontra-se realizado em dinheiro e já entrado na Caixa Social; Art.º 4.º) — os sócios obrigam-se a entrar com prestações suplementares até ao montante a fixar em Assembleia Geral, se o desenvolvimento da Sociedade assim o exigir; Art.º 5.º) — é livremente permitida entre os sócios a cessão de quotas, no todo ou em parte; A cessão a estranhos depende do consentimento prévio e expresso da Sociedade; Art.º 6.º) — a gerência, dispensada de caução, pertence exclusivamente aos sócios José da Silva Catuna e António João da Silva Palmeira, e para que a Sociedade se obrigue é necessária a intervenção conjunta dos dois sócios-gerentes; Art.º 7.º) — pode qualquer sócio-gerente delegar em outro sócio ou em estranho os seus poderes de gerência e de representação social; Art.º 8.º) — quando a Lei não exigir outras formalidades, as reuniões de Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com 8 dias de antecedência, pelo menos;

VAI CONFORME AO ORIGINAL.

Albufeira, 9 de Maio de 1979.

O Notário,

(a) ADOLFO ARMANDO JORGE BATALHA

ARMANDO DE AGUIAR

ARMANDO DE AGUIAR

ARMANDO DE AGUIAR

ARMANDO DE AGUIAR

ARMANDO DE AGUIAR

ARMANDO DE AGUIAR

## NECROLOGIA

DR. JOSÉ RAUL BRANCO GUERREIRO

Após prolongada doença, faleceu, no passado dia 27, numa casa de repouso de Algueirão - Mem Martins, o sr. Dr. José Raul Branco Guerreiro, que durante muitas dezenas de anos foi conceituado médico na zona de Sintra, sobretudo na região de Colares e depois, nos últimos tempos na freguesia de São João das Lampas, residindo por esse motivo em São Miguel de Odrinhas. Desfrutava de muitas simpatias pela sua proficiência e natural bondade, nascera em Faro e contava 76 anos.

O funeral realizou-se para o cemitério de Colares, após Missa de corpo presente celebrada na igreja de São Sebastião da mesma freguesia.

D. MARIA DA SILVA GONÇALVES

No Hospital desta cidade, onde fora submetida a uma melindrosa operação cirúrgica, faleceu, no passado dia 5, a sr.<sup>a</sup> D. Maria da Silva Gonçalves, professora particular de Ensino Liceal, natural do Barreiro, mas há muito residente entre nós. Geralmente estimada pelo seu excelente trato e naturais virtudes, a saudosa extinta, que era solteira e contava 64 anos, era irmã das sr.<sup>as</sup> D. Carminda da Silva Gonçalves, casada com o sr. Alfredo de Jesus António, D. Gracinda da Silva Gonçalves, casada com o sr. Hugo Mascarenhas, nosso estimado assinante e prezado amigo, residentes nesta cidade; D. Margarida Fernanda da Silva Gonçalves, casada com o sr. Vitor Hugo José de Leiria e Borges, e D. Ilda da Silva Gonçalves, casada com o sr. Henrique Alexandre Fernão Pires, residentes em Lisboa, e do sr. Prof. Doutor António da Silva Gonçalves, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Maria Vitória Melo Luz Gonçalves, residentes em Lagos. Era ainda tia das sr.<sup>as</sup> Dr.<sup>a</sup> D. Maria Adozinda da Luz Silva Gonçalves e D. Luísa Maria Gonçalves Fernão Pires Patacas, casada com o sr. Rui Patacas, e dos srs. Dr. Rui Luz da Silva Gonçalves, casado com a sr.<sup>a</sup> Eng.<sup>a</sup> D. Ana Maria Magalhães da Silva Gonçalves, e José António Fialho Gonçalves, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Helena da Silva Gonçalves, todos residentes em Lisboa; João Vasco Melo Luz Gonçalves, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Lourdes Rodrigues Gonçalves, e José Francisco Gonçalves de Leiria e Borges, casado com a sr.<sup>a</sup> D. Anacléa Baptista de Leiria e Borges, todos residentes em Faro, e do sr. Luís Filipe Gonçalves de Leiria e Borges, residente em Quarteira.

A morte da bondosa senhora foi profundamente sentida e o seu funeral, que saiu da Igreja de São Sebastião para o Cemitério da Esperança, após Missa de corpo presente, foi extraordinariamente concorrido.

No próximo dia 5 de Junho, pelas 8,30, será celebrada na Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo desta cidade, Missa do 30.<sup>o</sup> dia e o CORREIO DO SUL apresenta a toda a família enlutada a expressão das suas condolências.

# Postais para o Algarve

(Continuação da 1.ª página)

Algarve» (?). E vejo o bairro mais típico e castiço de Olhão — a Barreta: Rua do Pinheiro e Largo do Carolas; Travessa dos Abraços e Rua do Patrão Lopes; Beco do Dr. Cruz e Rua do Salá, etc., etc. tudo de casas muito brancas ou brancas avivadas de azul — como se reflectissem o luar de prata e o céu do Algarve — com açoteias e mirantes de escada exterior sobre arco, ruas primitivas de margens irregulares, tortuosas, onde pela madrugada ainda soam os tamancos e os brados dos pescadores que se acordam para o começo da faina.

Foram destes mesmos homens do mar: nautas de pequenas lanchas, que seguraram nas mãos o leme e o cabo maior das velas; ou de navegadores de barcas de maior calado: marinheiros de vela latina, que saíam para o mar alto e iam até Larache (Marrocos) pelo esparto e pela palma; ou ainda dos pescadores do estresmalho ou do tapa-esteiro, que pescavam à rede ou à linha na Ria — que saíam aqueles Bravos que resolveram, em 1807, ir num caique até ao Brasil, dar a nova de ter acabado a invasão de Portugal pelos Franceses.

E foi tamanha a consciência do seu «feito valoroso», sentiram-se tão dignos do seu mister e bravura, que dizer-se, então, *mareante* ou simplesmente *marítimo de Olhão*, era juntar um epíteto de nobreza e carácter, de orgulho patriótico que significava *ser português no mais alto grau*, e isso ainda hoje se pode verificar nos Assentos paroquiais da freguesia de Olhão, posteriores àquela data, em que, a seguir a nomes de mulher ou de homem, naturais da terra de que estamos a tratar, com ocupações, às vezes, bem diferentes das do mar, ou nomes de filhos ou netos de pais que possuíam barcos ou simplesmente moravam na Vila de Olhão, se acrescentava, à guiza de esclarecimento honroso, que *eram todos mareantes ou marítimos de Olhão*.

Ora *Mareante*, vem do verbo *marear*, que significava *governar barco* ou *navio*.

*Marítimo*, era não só o que morava junto ao mar, como o que vivia das lides do mar: o pescador, o marinheiro, o remador, o peixeiro, o embarcador, o moço de bordo, etc. *Marítimo*, parece-me portanto ser um conceito que engloba maior variedade, maior amplitude ideográfica do que o termo *mareante* (que também inclui o sentido de navegante); este último conceito de *mareante* porém, contém a ideia de chelha, de orientação, como a designação de *agulha de marear* o indica.

Isto tenho pessoalmente verificado em pesquisas feitas naqueles livros paroquiais de casamentos, baptismos e óbitos. Posso esclarecer melhor, com o seguinte exemplo:

Meu avô materno João Machado Gonçalves, que nasceu em Olhão em 1855 e faleceu em 1936 em Lisboa, era filho de João dos Santos Machado Gonçalves (n. Olhão), dono do iate «Maria do Carmo» que naufragou na barra de Setúbal em 1857, onde encontrou a morte com 27 anos. O memo meu avô era bisneto do tenente de marinha João Gonçalves (?), natural também de Olhão (n. 1785 aproximadamente), que aparece nalguns livros designado como «mareante de Olhão» (?) e (?).

— Este arraçoado todo, tem uma finalidade: defender Olhão daqueles que lhe vão alterando e destruindo a fisionomia, no que ela tem de mais verídico e característico.

Olhão Cubista, na feliz classificação de José Dias Sancho, passou a ser cartaz turístico para forasteiros. Olhão passou a figurar nas «plaquettes» de propaganda e nos anúncios de vilegiatura, como a mais típica terra do Algarve, devido ao conjunto do seu casario de açoteias, a maioria das quais terminava, no alto, pelo *mirante de escada exterior, para ver o mar*, e este subia, subia, até ser avistado da rua, dotando a povoação de aspecto semelhante ao das povoações mairóquinas ou mouriscas. Esta arquitectura casava-se bem não só com o clima, como com a necessidade de *ver o mar*, e fôra resultado de viagens a terras onde se mantinha um carácter ou reminiscência do estilo mourisco, que agradava à alma popular, contemplativa do Olhanense, já que, nas noites de verão, gosta de contemplar a imensidão do céu estrelado, estirado na sua açoteia, onde também seca passas de figo e uva.

Era isto, este *estilo* do mareante de Olhão, que agradava e atraía a curiosidade do turista: o aspecto inconfundível e marcante de Olhão na arquitectura algarvia.

Houve quem se iludisse a ponto de julgar que em Olhão perdurava a tradição moura dos tempos antigos, e entre esses esteve o Professor alemão Wilhelm Giese, que publicou um artigo, em 1932, na revista «PORTUGAL», convencido disso. Nós, com aquela desvoltura do estudante de vinte anos, atrevemo-nos a responder-lhe na revista BIBLOS, de 1934. GIESE replicou no mesmo ano, mas não nos venceu.

Daí em diante, cada vez mais conhecida por Vila Cubista por excelência, começaram a demandar Olhão portugueses e estrangeiros de toda a parte. Mas... ultimamente foi-se proibindo, sim, a construção de açoteias com mirante na parte central de Olhão. Os forasteiros vêm e procuram, sem já avistarem das ruas mais conhecidas e frequentadas, aquela traça cubista, o tal *sui generis* da povoação e... já não existe o doutor Lopes para explicar Olhão... nem para os convidar a subirem a um mirante particular, ainda poupado à reprovação de existir... e... miradouro público também não há.

No entanto nós sabemos que toda esta situação é devida a estarem certos lugares autárquicos entregues a estranhos à terra, que *nada sentem dela*, ou são *indiferentes a ela*, ou *não conhecem as suas razões*.

E quando alguém, por várias vezes, tentou informar-se na Câmara Municipal de Olhão, de qual era a lei, ou postura, ou edital publicados, que proibia a construção das açoteias e mirantes, esse alguém sentiu que se esquivavam a iludá-lo, e, ora lhe diziam que o senhor engenheiro, que aprovava ou regeitava os planos de construção, estava ausente; ora outro lhe dizia que nada percebia nem mandava nisso, e outro ainda declarava que não conhecia lei publicada mas que se apresentasse um requerimento em papel selado, juntamente a uma planta de edifício a construir, e aguardasse a resposta...

E assim foi esse alguém, passando de gabinete em gabinete, de porta em porta, de pessoa em pessoa... até chegar a um contínuo,

# LISBOA, TANTOS DO TAL

(Continuação da 4.ª página)

Mas voltemos à «Exposição Bibliográfica e de Artes Plásticas». Foi visitá-la já sem a presença dos convidados para a abertura oficial. Vi os duzentos e tal livros expostos, a colecção «Estudos Algarvios», o primeiro número de 21 jornais algarvios antigos existentes na Biblioteca Nacional, os mapas, as 48 gravuras algarvias da colecção do Dr. António de Sousa Pontes, os postais, as estampas, as magníficas cabeças de poetas algarvios desenhadas por Júlio Amaro e a exposição de artes plásticas num andar superior do edifício.

Serviu-me de companheiro nesta visita um sóbrio, digno e decente catálogo sobre a «Exposição». Embora o catálogo, sob o ponto de vista bibliográfico, não nos dê uma «algarviana» mas apenas algumas obras de cerca de cem autores e vinte títulos de jornais, não deixa mesmo assim de ser um auxiliar de certo valor para quem se inicia, por obrigação ou deleite, no mundo apaixonante da cultura. Presumo que, pelo menos, irão possuí-lo todas as bibliotecas existentes no Algarve, para ajuda de uns e estímulo da curiosidade e do gosto pela leitura de outros. Mas será igualmente útil, se a tiragem o permitir, que o catálogo exista nas bibliotecas dos liceus algarvios, e das restantes escolas não primárias, e nas bibliotecas das associações culturais e até recreativas.

O Algarve tem possuído sempre, além dum escol intelectual notável, uma gama de algarvios interessados pelos mais variados aspectos do fenómeno cultural. E quantos no início não teriam sido motivados precisamente por pequenos estímulos que lhes despertaram a curiosidade, por pequenas ajudas (como um catálogo bibliográfico) e por certas iniciativas locais de âmbito limitado?

Está de parabéns a Casa do Algarve pela quinzena que levou a efeito em Lisboa e durante a qual, além de conferências muito oportunas e com nível, promoveu confraternizações, apresentações de artesanato, danças, cantares e música.

O trabalho que não deve exigir uma realização como esta não se dispondo, como julgo ser o que

acontece com as casas regionais, de colaboradores disponíveis em número suficiente? É necessário competência e, além de competência, coragem, persistência e espírito de luta. No fim de mil batalhas vencidas, e de outras tantas soluções improvisadas como alternativa do que não se conseguiu, fica-se esfaldado. Então, como bálsamo, surgem algumas críticas sensatas e um cortejo de críticas ridículas.

Estou a recordar-me de um facto passado ao escritor portimonense e presidente da direcção da Casa do Algarve, Joaquim António Nunes. Foi um dos responsáveis pela exposição «O Homem Urbano — Seis Temas», organizada pela Mobil Portuguesa com a colaboração dos Serviços da Secretaria de Estado do Ordenamento Físico, Recursos Hídricos e Ambiente, que esteve na mente em Lisboa em Novembro e Dezembro do ano passado e lembro-me que após a inauguração, na manhã seguinte, bem cedo, entrou um visitante na ampla área da exposição, a essa hora ainda deserta, e começou a vê-la e ao mesmo tempo a observar as estruturas dos painéis, os suportes e a forma de montagem com atenção desusada. Já não me recordo como entabulamos conversa mas soube então que aquele visitante era Joaquim António Nunes e que na véspera tinha ali estado a assistir à conferência de abertura e à inauguração oficial outro algarvio, o Professor Doutor M. Gomes Guerreiro. Este último, sabendo das preocupações e das dificuldades que já então se encontrava Joaquim António Nunes por causa da organização da quinzena algarvia, sugeriu-lhe uma visita aquela exposição pois talvez as estruturas e os expositores ali utilizados servissem e pudessem ser dispensados à Casa do Algarve. No final da visita acompanhei o Joaquim António Nunes à porta e fiquei a pensar: graças a Deus ainda há pessoas assim; logo ao princípio da manhã, cheio de entusiasmo e por amor à sua província, à procura da solução para as dificuldades que se lhe deparam ao projectar a realização duma quinzena algarvia em Lisboa.

Este apontamento mostra a paixão, a fibra e o afincio que possuem certas pessoas. E com predicados deste tipo que se levam a bom ter-

mo as iniciativas e se realizam as obras.

Já atrás referi os dez retratos de poetas algarvios desenhados por Júlio Amaro. Decoravam a sala da exposição bibliográfica e trouxeram-me à memória umas sanguineas de escritores feitas há setenta anos por António Carneiro e reproduzidas em postais. Numa das faces a cabeça do escritor, um breve escrito de sua autoria (prosa ou poesia) e o fac-símile da assinatura. Alguns rementes, ao que me dizem, escolhiam o escritor que figurava no postal um pouco de acordo com as preferências literárias do destinatário. Na colecção desses postais, que é hoje uma curiosidade muito apreciada pelos bibliófilos, figura a sanguinea dum poeta algarvio: João de Deus. Lam-se assim familiarizando os portugueses, mas muito especialmente a juventude, com o nome e a fisionomia dos escritores dessa época e com as obras de arte que eram essas sanguineas. Isto talvez entre 1908 e 1913. E agora, em 1979, não haverá interesse e possibilidade de editar uma colecção de postais com as cabeças desses dez poetas algarvios, que são ao mesmo tempo, dez belíssimos desenhos de Júlio Amaro?

Creio que sim, como creio também que os leitores terão interesse em conhecer e apreciar o poema que Júlio Amaro escreveu no retrato que desenhou de António Aleixo. Ei-lo:

## PAGAMENTO

Inspiração como tu, não tenho, António Aleixo  
E por tal, ao retratar-te, transpirei,  
Mas não me queixei,  
Porque gostei.  
E ao final, após o lápis  
Nervoso, salpicar de gris  
O papel, onde te quis  
Olhei-te e disse:  
Poeta, junto a mim ficas vieste,  
Renascendo em girar agreste  
Porque te fiz  
Porque te sonhei...  
Faz pra mim uns versos  
Assim, se for de tua vontade  
Pagam-me, Porque te desenhei  
Lá na eternidade.

Júlio Amaro Brilhante  
Portimão — Agosto de 1977

e ainda, no mesmo retrato, esta dedicatória:

«Ofereço ao meu bom amigo Joaquim Nunes com um abraço e amizade — Júlio Amaro Brilhante».  
Acho que tudo isto — o retrato de António Aleixo desenhado por Júlio Amaro e «completado» com este poema e com esta dedicatória — forma um todo e tem um espírito. Copiei o poema e parece-me que deve ficar registado neste «Correio do Sul» de que Mário Lyster Franco tem feito um imprescindível manual da cultura algarvia.

Telmo Mouta Felgueiras

CARLOS TEIXEIRA

# Forte de São Lourenço da Barra de Faro

(Continuação da 1.ª página)

existido quatro fortes: Forte de Armona, na ilha de Armona a sudeste de Marim; Forte de São Lourenço na Barra de Armona, Forte da Barra Grande e Forte São Lourenço este a cerca de 2 km de Olhão na Ilha de São Lourenço ou dos Cocos.

Em relação ao primeiro dos fortes que na carta anexa ao «Roteiro» está na Ilha de Armona a leste de Marim, junto à inflexão para norte do canal que vem da Fuzeta e, consequentemente, afastado da Barra Grande, temos a seguinte descrição:

«No cimo de um pequeno monte de areia que se levanta na ilha de Armona, situada na barra do mesmo nome, a 4 km a sudeste (65) da Fuzeta, e a 5 km a nascente da Vila de Olhão, existia ainda em princípios do século passado uma pequena fortaleza moderna.

Tratava-se de uma bateria edificada em 1747, da qual em 1808, existiam ainda duas peças que foram utilizadas no movimento de revolta contra os franceses.

Do Forte de Armona não existem hoje quaisquer vestígios» (66).

(65) — No mapa anexo ao «Roteiro» a Fortaleza está indicada a sudeste da Fuzeta e relativamente afastada da Barra Grande. Foi certamente lapso do autor que pretendia escrever, sim, sudeste.

(66) — Almeida, General João de, Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses, 1948, pág. 477.

(Continua no próximo número)

ou guarda, que encolheu os ombros e disse que nada tinha com isso...

— E agora nós argumentamos: — para quê anúncios de Vila Cubista?

— Para quê encaminhar turistas para uma terra, à qual tiram o que tem de único, digno, além de ser *Nobre Vila*, com orgulho de ser *portuguesa!* Do mar! Que soube criar um «*facies*» seu, que só a dignificava, que marcava o ambiente *vivido*, sentido e fixado!

— Que irão mostrar aos forasteiros, os Olhanenses?

As casas caixotescas, em série, amorfas, sem tradição nem meio ambiente algum!

Saio a terreiro porque tenho convite (não especial) da Câmara Municipal de Olhão em colaboração com a Macroplan, para, como membro da *população interessada*, apresentar o meu protesto e a minha crítica ao que se tem processado ultimamente em Olhão, fazendo votos para que não se continue a destruir o cunho especial desta terra, da *minha terra*, naquilo que a distingue das outras, e que se consiga ainda salvar o Património Cultural construído que possui, pois depositamos esperança e confiança nos Serviços de Estudo do Ambiente da SECRETARIA DE ESTADO DO AMBIENTE.

Lisboa, 26 de Abril de 1979.

(MARIANA AMELIA MACHADO SANTOS,  
Directora-aposentada da Biblioteca da Ajuda)

(1) — LÚCIO, João: — O Meu Algarve. Lisboa, 1905, p. 126 e 128.

(2) — SANTOS, Mariana A. M.: — «Olhão, uma Vila típica do litoral algarvio», in BIBLOS, 1934, Coimbra, Vol. X, p. 190-196.

(3) — Era meu tetravô.

(4) — Vejam-se os Livros de Casamentos da Freg.ª de Olhão n.º 6 de 1818-26, f. 31 v. 32 e f. 44 e também o L. n.º 8, de 1837-44, f. 63, onde refere o tenente João Gonçalves casado com Josefa Maria Machado, terminando a menção dos presentes por «tudo os marítimos desta Vila» [de Olhão]. Actualmente estes livros estão no Arq.ª Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa.

(5) — Esta análise dos conceitos de *mareante* e de *marítimo*, aplicamo-la apenas ao século XIX. (Note-se) e em referência à Vila de Olhão, Depois, o conceito de *mareante* perdeu-se; já se não usa, e o de *marítimo* evoluiu e alterou-se.

# A Câmara de Portimão e a Pedra Moirinha

(Continuação da 4.ª página)

não soube, nem foi capaz de descobrir o significado do monumento. Certamente o mesmo me aconteceria a mim se fosse perorar acerca de doenças do fígado, ou quaisquer outras. No entanto, é louvável o interesse pelas coisas da sua terra.

E deste modo que as autoridades responsáveis do concelho e da cidade de Portimão se afadigam a valorizar o património cultural que receberam dos antepassados. O exemplo de Portimão não é único e o comportamento da edilidade desta terra algarvia pode ser encontrado noutras terras portuguesas. Talvez o peneado da «Pedra Moirinha», abandonado como foi, venha a servir para brita ou miuçalha de estradas ou passe a fazer parte de qualquer muro de propriedade da região. Nessa altura, o Sr. Presidente da Câmara considerará devidamente valorizada esta reliquia do passado da sua terra.

Os exemplos mais gritantes do desleixo das autoridades, quanto à protecção e guarda dos nossos monumentos arqueológicos, merece citar-se o que se passa com as reliquias constituídas pelas antas, de que o país é extraordinariamente rico e que, progressivamente, vão sendo destruídas por exploradores nacionais e estrangeiros em atitude selvagem de fazer desaparecer estas magníficas construções do passado.

Durante a última Grande Guerra, dois alemães que por aqui andaram com a protecção das autoridades, ao mesmo tempo que, segundo consta, faziam espionagem, dedicavam-se à exploração dos monumentos dolmênicos de que destruíram somente no Alentejo, mais de três centenas.

Mas existem no país continuadores que prosseguem no mesmo empreendimento. Quando há anos estive em Alcalar observei indignado que os belos monumentos arqueológicos ali existentes estavam transformados em latrinas... Em Castro Laboreiro observei um dia que diversas mamoas, das muitas que ali existem, haviam sido lavradas por uma escavadora que andava na faina de preparar o terreno para sementeira de indesejáveis pinheiros!...

Cabe referir aqui, para terminar, as palavras do meu querido e saudoso amigo Afonso do Paço, de que «os algarvios (felizmente não todos; o facto não é apanágio apenas dos algarvios) de hoje, voltados apenas para a delícia das suas praias, o peixe dos seus mares ou produtos da terra, descuram totalmente o grandioso passado pré e proto-histórico que lhes legaram os seus maiores».

Pelo que foi dito antes, o exemplo não é apenas dos outros, pois o dos actuais, não desmerece do daqueles.

Lisboa, Abril de 1979

# CERTIDÃO

## CARTORIO NOTARIAL DE ALBUFEIRA

A cargo do notário licenciado Adolfo Armando Jorge Batalha

CERTIFICO - narrativa-mente, para efeito de publicação, que por escritura de 24 de Abril findo, lavrada de folhas 19 verso a folhas 20 verso, no livro de notas para escrituras diversas número D-23, deste cartório, entre Manuel António Henriques Guerreiro e Vítor Manuel Marques Rosário da Silva, foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Art.º 1.º — a Sociedade adopta a denominação «ALIRHO - EMPREENHIMENTOS TURÍSTICOS, LIMITADA», tem a sua sede na vila, freguesia e concelho de Albufeira, e domicílio na Rua 5 de Outubro, número 36, 1.º andar, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje; Art.º 2.º — o seu objecto é o exercício de qualquer actividade relacionada com o turismo, designadamente a aquisição de bens imóveis para esse fim; Art.º 3.º — o capital social é de 1 000 000\$00, inteiramente realizado em dinhei-

ro, entrado na Caixa Social e representado por duas quotas iguais de 500.000\$00, uma de cada sócio; Art.º 4.º — a cessão de quotas entre os sócios é livremente permitida, no todo ou em parte. A cessão a estranhos só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da Sociedade; Art.º 5.º — a gerência, dispensada de caução, pertence a todos os sócios; para que a Sociedade se obrigue é necessária a intervenção de dois sócios-gerentes; Art.º 6.º — pode a Sociedade conferir a estranhos os seus poderes de gerência, e pode também qualquer sócio gerente delegar em outro sócio ou em estranho, os seus poderes de gerência e de representação social. Art.º 7.º — quando a Lei não exigir outras formalidades as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com 8 dias de antecedência, pelo menos.

VAI CONFORME AO ORIGINAL.

Albufeira, 2 de Maio de 1979.

O Notário,

(a) ADOLFO ARMANDO JORGE BATALHA

# Vendem-se

2.100 ACCÕES DA COMPANHIA CINE-TEATRO FARENSE

Vendem-se p/ melhor oferta

Trata: Dr. José de Sousa Uva  
Av.º Cor. Eduardo Galhardo, 4-9.º Esq.  
1.100 - Lisboa Tel: 823818

# CORREIO DO SUL

## O Algarve na História de Portugal

Pelo Dr. Alberto Iria \*

(Continuação do número anterior)

Com o alvorecer do século XIX e na curta guerra de 1801 que travamos com a vizinha Espanha, a corajosa resistência de Vila Real de Santo António, na beira desta fronteira de Portugal, deixou merecido eco nos Anais Militares do País e do Algarve.

É o varoroso oficial que, então, ali consubstanciou o brio e o valor militar português, o coronel José Lopes de Sousa, foi precisamente o que, com coragem e sem temor das imprevisíveis consequências do seu acto, iniciou, no dia 16 de Junho de 1808, o acenarado patriotismo dos pescadores de Olhão — minha querida terra natal — ao iniciarem ali o primeiro grito de revolta contra os soldados franceses de Napoleão Bonaparte, gesto depois também seguido, como novo rastilho de pólvora, por Faro, Lagos, Tavira, Loulé, Silves e outras terras algarvias.

A notícia da revolta contra os invasores franceses gerou então uma singular aventura náutica, que ficou célebre e mereceu as honras, em duas edições, de um poema de José Agostinho de Macedo, o «Novo Argonauta». Efectivamente, um minúsculo carque de pesca de Olhão, o «Bom Sucesso», por alcunha o «Dragão», com 17 tripulantes, comandados pelo Mestre Garrocho e pilotados, sem cartas de marear e só pela estimativa, por Manuel de Oliveira Nobre, fazem a arriscada travessia atlântica para levar à corte portuguesa do Rio de Janeiro, em primeira mão, não só a notícia da revolta, mas também o primeiro correio marítimo ali recebido do legítimo Governo da Regência do Algarve, estabelecido em Faro.

Quando consagrará o Algarve, não apenas alguns destes seus filhos, mas todos os que tiveram acção importante nesta época?

\* Discurso proferido na Biblioteca Nacional de Lisboa, na tarde do dia 16 de Março de 1979, no encerramento da Exposição Bibliográfica e de Artes Plásticas promovida pela Casa do Algarve em Lisboa.

(Conclui no próximo número)

## A bordo da «João Roby» O Comandante Naval do Continente esteve no Algarve

TRAZENDO a bordo o sr. vice-almirante Alfredo Ramos Rocha, Comandante Naval do Continente, que veio visitar as instalações navais do Algarve, esteve durante dois dias ancorada em Faro, a corveta «João Roby».

Aquele oficial general foi cumprimentado a bordo pelo Comandante da Zona Marítima do Sul, sr. capitão de mar e guerra João de Oliveira Baptista Correia, pelos Comandantes dos navios da fiscalização da pesca na costa do Algarve e pelas autoridades civis e militares, cumprimentos esses que mais tarde retribuiu, tendo estado na Capitania do Porto de Faro, onde aquele Comandante da Zona está instalado, e tendo oferecido a bordo uma recepção às entidades oficiais.

O sr. vice-almirante Alfredo Ramos Rocha, que se deslocou ao Algarve com os oficiais do seu Estado Maior, esteve também nos Comandos da Defesa Marítima dos Portos de Portimão, Olhão, e Vila Real de Santo António, apreciando naquela cidade as importantes obras portuárias que ali se estão realizando.

Durante a permanência da corveta «João Roby» no porto de Faro, efectuou-se no Estádio de São Luís um encontro de futebol entre a sua equipa e a do Comando da Zona Marítima do Sul. A referida unidade da nossa Marinha de Guerra esteve também patente ao público, tendo sido visitada por alunos das escolas de Ensino Primário, Preparatório e Secundário da cidade e por muitas centenas, senão talvez milhares de pessoas de todas as categorias sociais.

A importante visita realizou-se nos dias 3 e 4 do corrente.

## Centenário de Sousa Costa

(Continuação da 1.ª página)

Não era algarvio, como decerto todos sabem, pois nasceu em Vila Pouca de Aguiar, mas foi um admirador e um amigo dedicado do Algarve, que lhe ficou devendo excelentes trechos de descritivo, como brilhante prosador que era e como que ligado a nós que se sentia por irmão da D. Margarida, que muitos ainda conhecemos, e cunhado desse grande algarvio, que foi o saudoso Poeta Cândido Guerreiro.

Companheiros de Coimbra, ai decerto lhe escutou endechas, saudosas descrições desse Algarve maravilhoso e quente que Cândido levava no coração para toda a parte. Dai e de visitas posteriormente feitas, alguns primorosos artigos saídos em «A Ilustração Portuguesa» e depois reunidos em MILAGRES DE PORTUGAL — D'ENTRE MINHO E ALGARVES; essa magnífica conferência TOURADA NO MAR pronunciada no Brasil, em 1923, e depois recolhida com outras e o título da primeira em AS GRANDES AMOROSAS; as interessantes palestras feitas na Emissora, que depois formaram o livro MAPA FALADO DE PORTUGAL, aparecido em 1936 e ilustrado, na parte que ao Algarve respeita, por fotografias fornecidas por quem estas linhas escreve; alguns trechos de reconstituição histórica em GRANDES DRAMAS JUDICIÁRIOS, para onde também o mesmo deu a sua azeite; alguns belos artigos em «La Prensa», de Buenos Aires, e — porque não diz-lo — alguns também publicados no CORREIO DO SUL de que foi eventual colaborador mas sempre amigo dedicado. «Oleiros de Loulé», «Açores ou Algarve», etc.

Falecido no Porto, a 11-1-1961, Sousa Costa, Alberto Mário de Sousa Costa, de seu nome completo, é hoje pouco menos do que um esquecido.

Não sabemos mesmo se alguma publicação lhe terá assinalado o centenário...

Resalve o Algarve a ingratitude com estas linhas ao correr da pena e esta, compreensivelmente, molhada no coração.

## Países Baixos

PARA os devidos efeitos se torna público que, a partir do próximo dia 15 de Maio de 1979, a sede do vice-consulado dos Países Baixos em Faro será transferida para a Rua Frei Lourenço de St.ª Maria n.º 2, 1.º, direito/frente, telefone 25347.

Nos dias úteis o expediente do vice-consulado funciona das 15 às 18 horas.

# A Câmara de Portimão e a Pedra Moirinha

(Continuação da 1.ª página)

Abril. A minha carta não mereceu qualquer resposta de parte de S. Ex.ª. Passaram meses e anos, as instituições mudaram e a Câmara de Portimão passou para responsáveis eleitos democraticamente.

Escrevi então ao novo Presidente pedindo-lhe a atenção para o monumento acima citado.

A resposta demorou mas sempre veio como que a mostrar a diferença de procedimentos. Escrevi outra vez, aconselhando mandar remover a pedra, cuidadosamente, do local em que se encontrava, a proceder à crivagem das terras, efectuar observações minuciosas no local, como abertura de sanjas, e pequenos poços de prospekção, etc.

Sugeri, ao mesmo tempo, que o penedo fosse colocado em condições de ser observado, talvez no centro de pequena praça de que serviria de motivo ornamental, ficando, deste modo, patente à observação dos portimonenses e de outros visitantes.

Entretanto, após carta que escrevi ao Sr. Ministro do Comércio e do Turismo em que dizia que, a meu ver, já bastava de «impingim» aos turistas, fado e grupos folclóricos, porquanto, há no País, muitos outros motivos mais dignificantes que as pessoas que nos visitam gostariam de admirar. Referia-me a monumentos naturais esquecidos e escondidos em todo o país para os quais será necessário despertar o interesse e colocá-los em condições de serem conhecidos e admirados.

Pelo que me diz respeito, pus-me à disposição de S. Ex.ª para colaborar nesta tarefa em relação aos monumentos geológicos, paleontológicos e arqueológicos, S. Ex.ª não me respondeu por escrito mas mandou ter comigo dois funcionários da Direcção Geral de Turismo, meus antigos alunos, a fim de pôr em marcha a minha iniciativa. Rejubei e logo, em primeiro lugar, indiquei o problema da protecção e valorização da «Pedra Moirinha». A pouco e pou-

## Encontro da ANOP

(Continuação da 4.ª página)

e decorreu naquele ambiente de boa compreensão e camaradagem, que tem sido apanágio de várias outras que a mesma imprensa entre si tem levado a efeito.

Em representação da Agência estiveram presentes os srs. Dr. Horta Lobo, Capitão António Ramos e Carlos Martins, além do sr. Rui Pimenta, desde há tempo acreditado como seu representante no Algarve e que entre nós tem conquistado muitas amizades e simpatias.

Expostos pela entidade promotora os seus pontos de vista, mais ou menos subordinados aos temas previamente estabelecidos de «O que é a ANOP como «empresa»; «Como pode a ANOP colaborar com a imprensa regional» e «Que informação produz a ANOP e como o faz», seguiu-se um prolongado debate à volta dos problemas levantados.

O sr. Dr. Joaquim Magalhães, como representante do nosso estimado colega «O Algarve», o jornal mais antigo da Província, fez uma resenha da situação da Imprensa Regional, focando alguns dos mais importantes problemas que a afectam nos domínios da informação.

Foi também ventilada a criação de um semanário trilingue, como elemento de apoio ao turista estrangeiro e à semelhança do que há muito se verifica em várias zonas turísticas do mundo, ideia que nos parece inteiramente viável e interessante, mesmo que entre nós já praticada pelo mensário «Algarve News», que em Faro se publica em língua inglesa, e de um diário de grande informação, que, sobre nós não parecer de idêntica viabilidade, temos como de reduzido interesse para a Imprensa Regional. Esta, supomos, pouco terá a lucrar com a criação de um potencial concorrente de grande envergadura.

A reunião terminou com um «cocktail» em que participaram também o Chefe do Distrito e outras entidades.

co referi algumas dezenas de motivos geológicos e paleontológicos que me pareciam merecedores de consideração.

A certa altura, fui informado verbalmente pelo Dr. Manuel de Barros, um dos meus antigos alunos antes referidos; de que a Direcção Geral de Turismo havia concedido à Câmara de Portimão subsídio de 120.000\$00 destinado a custear a obra da «Pedra Moirinha».

Alguns meses depois recebi, enviado pelo Sr. Presidente da Câmara de Portimão, projecto do monumento a erigir tendo como motivo principal o penedo aludido. Não gostei deste projecto, em que o penedo aparecia detido, o que lhe tirava toda a majestade e imponência, ouvi então alguns arqueólogos meus conhecidos que foram da mesma opinião. Consultei, também, o Sr. Arquitecto Armando Canelhas que manifestou parecer idêntico ao meu e se prontificou, a meu pedido, a esboçar novo projecto de acordo com as características do monumento e o significado que deve ter tido inicialmente. Ao mesmo tempo, foi-lhe acrescentado pequeno painel, no qual, para elucidação dos visitantes, figura reconstituição do que teria sido o transporte da pedra para o local em que se encontra. Ultimado este projecto, apressei-me a enviá-lo ao Sr. Presidente da Câmara de Portimão explicando-lhe que o carácter do monumento exigia que o penedo ficasse de pé.

Daqui em diante as cartas do Sr. Presidente passaram a ser lacónicas e as respostas demoradas. Insisti com a Direcção Geral de Turismo para fazer andar o assunto. Boas palavras mais nada.

A última carta enviada ao Sr. Presidente da Câmara não teve resposta. Atitude muito pouco democrática do Sr. Presidente, que muito apreciava, sobretudo, porque demonstra que entre os antigos e os modernos, se há diferença é para pior. De Maio para Abril...

Entretanto, durante visita que fiz ao local da «Pedra Moirinha», esta, por motivo de alargamento do caminho, em relação com a construção nas proximidades, de vivenda particular, fora deslocada do local em que se encontrava e sofrera mesmo mutilação duma das extremidades. Estou certo de que a Câmara não tomou quaisquer providências no sentido de promover o estudo conveniente do local.

Acerca do assunto enderecei, há meses, exposição dirigida a S. Ex.ª o Secretário de Estado do Turismo em que lhe pedia que se ocupasse deste problema de modo a desbloqueá-lo e fazer avançar a obra projectada. Até agora não recebi resposta.

Devo acrescentar ainda que jovem arqueólogo que esteve indigitado para ir proceder a observações no local da «Pedra Moirinha», nunca viu concretizada a sua ida tanto por

parte da Câmara como da Direcção Geral de Turismo.

A «Pedra Moirinha» foi objecto, anteriormente, não só de artigos de jornal, como os do «Correio do Sul», de Faro, de 6-2-69 e 20-2-69, como de opúsculo e palestra no grupo dos Rotários de Portimão, etc. A opinião mais estragante é a que consta do opúsculo do médico Dr. Bentes, pois por mais estranho que pareça, defende que o monumento não é senão penedo errático, isto é, transportado para ali por glaciares que desceram da serra de Monchique (!!!). A explicação é inverosímil e irresponsável. Igualmente a «Pedra Moirinha» foi tema de palestra realizada na reunião dos rotários, conforme se relata no segundo dos artigos acima citados deste jornal, em que o médico aludido expôs a opinião, antes referida, acerca do penedo.

Este médico não sendo geólogo, nem versado nas ciências da terra,

3.ª PÁGINA

## Associação de Apoio a Idosos

(Continuação da 1.ª página)

pode representar de forma alguma, uma contra-indicação. Pelo contrário, o edifício, com a agradável sombra do seu pequeno claustro e o ambiente de calma e de serenidade que nele se respira, oferece indiscutível encanto. Quem estas linhas escreve e que pede meças a quem quer que seja no seu amor ao Algarve e à sua terra; já em tempo, inutilmente propoz o seu aproveitamento pela Comissão Regional de Turismo, para realizações que lhe estivessem adstritas, ideia que foi recebida com entusiasmo e que só não teve mais andamento porque, quem mandava não teve sequer tempo de ir ver de que se tratava e preferiu para aquelas realizações instalações mais progressistas. Aliviou depois a sua utilização para a Pousada da Juventude, que então se falava em construir e a ideia recebeu também públicos aplausos, mas não se concretizou. Vê por isso agora com toda a satisfação a sua possível utilização para sede da ASSOCIAÇÃO DE APOIO A IDOSOS, o que fica constituindo mais um motivo para que a iniciativa não deixe de ir por diante. Sobre merecer, por si própria, o mais entusiástico apoio de toda a gente, vai ter ainda a vantagem, o condão de evitar a perda, a ruína total de um edifício que é, quer queiram quer não, uma verdadeira reliquia citadina.

3.ª PÁGINA

## O Torneio em Ténis de Mesa

EM organização da Delegação de Faro do INATEL, vai realizar-se nesta cidade, nos dias 2 e 3 Junho próximo, o II TORNEIO ABER-TO DE ENCERRAMENTO EM TENIS DE MESA a nível nacional. Trata-se de uma Prova Individual e Colectiva (Masculina e Feminina), aberta a praticantes com a idade mínima de 15 anos não federados, excepto veteranos, que decorrerá, com início às 15 horas daqueles dias, no Pavilhão Gimnodesportivo, de Faro. As inscrições estão abertas até 30 do corrente, na sede daquela Delegação, Travessa de Castilho, 35, 2.º, em Faro, Telef. 23121 e 24148.

## Concurso Infantil do Serviço de Emprego

A Direcção do Serviço de Emprego resolveu promover um concurso infantil, integrado nas suas actividades comemorativas do Ano Internacional da Criança.

Subordinado ao tema EU, TU, ELE, NÓS TRABALHAMOS, tem como objectivo sensibilizar a criança à realidade concreta do mundo das profissões e nele podem participar todas as que frequentam a Escola Primária ou o Ciclo Preparatório, ou ainda com idades compreendidas entre os 7 e os 14-anos.

A participação é feita através de trabalhos em qualquer das modalidades de poesia; conto; peça de teatro; desenho; pintura ou trabalhos manuais, enviados para o Centro de Emprego mais próximo até ao final do ano lectivo 1978/79, depois duma pré-selecção efectuada pelos professores ou animadores de grupos infantis. Até ao final do ano lectivo poderão ser igualmente recebidos no Centro, mesmo sem selecção, aqueles trabalhos de crianças cujas escolas não promovam intencionalmente o concurso, e até 16 de Julho trabalhos de casos excepcionais de crianças que não frequentam a Escola.

Os trabalhos recebidos serão apreciados por um júri e os mais representativos e originais serão organizados com vista à realização de exposições concelhias. Dos trabalhos expostos serão ainda seleccionados os melhores de cada modalidade, que servirão para a organização de um volume, que será oferecido aos concorrentes dessa forma destacada.

Todos os trabalhos deverão ser assinados e levar a indicação do endereço do autor, e, para a resolução de casos omissos e dificuldades, deverão ser contactados os Centros da Secretaria de Estado da População e Emprego.

## Em Portimão

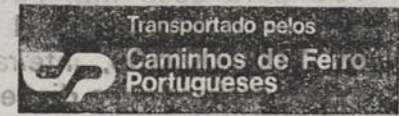
### O Boa Esperança está festejando as Bodas de Ouro

O BOA ESPERANÇA ATLÉTICO CLUBE PORTIMONENSE, prestigiosa instituição desportiva, recreativa e cultural, fundada em Portimão, a 4-V-1929, está festejando com todo o entusiasmo e brilhantismo o 50.º aniversário daquela fundação, ou sejam as suas prestimosas Bodas de Ouro.

As comemorações iniciaram-se no passado dia 4, com uma sessão solene que registou a presença das autoridades civis e militares do concelho, em que vários sócios evocaram a vida associativa desde aquela data até aos nossos dias e em que se procedeu à entrega de diplomas a sócios com 25 e 50 anos de permanência no clube e prosseguiram em dias seguintes com baile, «Parabens a Você»; matiné infantil; teatro para crianças e cinema e variedades com a colaboração do «Rancho Infantil» dos Bombeiros-Voluntários de Portimão e distribuição de balões e goloseimas; prova desportiva, em atletismo, circuito à cidade, e teatro e cinema. Nos próximos dias 19 e 20, haverá de novo Teatro, pelo Grupo Caetano José Pereira, e a 25, pelos amadores do «Grupo Cultural do Boa Esperança», com uma peça de Bernardo Santareno; no dia 20, Pesca Desportiva; no dia 26, Festas de Encerramento «Bons Velhos Tempos» com danças e cantigas de há 50 anos; e no dia 27, encontro de futebol entre Solteiros e Casados, às 10 horas e, às 13, almoço de «Confraternização de Sócios» num dos Restaurantes da cidade. Nas salas do Clube tem estado aberta uma exposição de troféus e de documentos, prospectos e fotografias demonstrativas da actividade do Boa Esperança durante os seus 50 anos de existência.

A Comissão Organizadora das comemorações é constituída pelos sócios fundadores srs. Domingos da Silva Prazeres, João Carlos Cortes e Luís dos Santos Barão, pelos antigos Directores, srs. António Candeia Poço, António Guerreiro de Matos e João António Simões Tavares, nosso muito prezado amigo, e pelo actual Presidente da Direcção, sr. Francisco da Conceição Grade.

Com desejos de muito mais longa vida, o CORREIO DO SUL felicita o Boa Esperança pela faustosa data que tão brilhantemente está assinalando.



## Lisboa, tantos de tal

(Continuação da 1.ª página)

de «Terras do Odiana» mas não sem que antes planeasse ir visitar calmamente a exposição, uma hora após a inauguração.

Uma das coisas que me enche de alegria, de alegria alegre, sábia, é ver a Província dar testemunho da sua cultura, das suas tradições, dos seus valores e das suas potencialidades. Assim aconteceu, por exemplo, quando esteve patente no Casino do Estoril a exposição sobre «Trás-os-Montes e Alto Douro» e quando no Mosteiro dos Jerónimos, na área de acesso ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, visitei a exposição comemorativa do primeiro centenário da «Carta Arqueológica do Algarve» e de homenagem ao seu autor, o insigne tavnense Sebastião Estácio da Veiga. Em qualquer delas o público não faltou, o que também dá alegria. O facto surpreende em relação à última exposição pois embora tivesse real interesse não era acessível a determinado público; além disso o local era distante, as entradas pagas, as pessoas chegavam em poucos minutos ao final e, quando se dispunham a prosseguir o seu caminho através do Museu de Arqueologia e Etnografia, esbarravam com tapais que impediam a visita pois o museu continua encerrado. Há quanto tempo, meu Deus! Parece uma doença epidémica: em Lisboa têm estado encerrados, além deste museu, o Museu de Arte Contemporânea, o Museu da Cidade e o Museu de Arte Popular (que reabriu agora as suas portas) e no Porto a doença também se verifica.

O facto surpreende, escrevi eu, pois as duas vezes que fui à exposição encontrei ali bastantes visitantes, muitos deles gente nova, e todos visivelmente interessados, comentando com elogiosas referências a valiosa obra de Estácio da Veiga.

Vem a propósito, por estar relacionado com museus, arqueologia, gente nova e cultura, o facto que passo a relatar. O ano passado estive uma temporada na serra algarvia e fui mostrar ao meu neto Gon-

çalo as ruínas de Milreu, em Estoi. As ruínas, o abandono em que se encontram, o guarda; os visitantes que passam por Milreu olhando sem ver e quase sem colher qualquer benefício, foram, nos dias imediatos à nossa visita, motivos de conversas curtas de reflexão e explicação sobre o interesse e significado das estações arqueológicas. Os onze anos do Gonçalo viram as ruínas, ouviram as explicações e detiveram-se com certa curiosidade, talvez mesmo interesse, apenas em meia dúzia de coisas e aspectos aflorados nas conversas.

Passados dias levei-o a Vilamoura e à estação arqueológica que na área do complexo turístico foi descoberta, preservada e valorizada. A maneira como aquelas ruínas estão cuidadas, emolduradas com relva viva e fresca, onde há flores, azeite; itinerários bem delineados, explicações oportunas e sóbrias e, no final, uma pequena instalação na qual está guardado, classificado por épocas e exposto tudo o que ali tem sido encontrado, e ainda desenhos e plantas complementares que ajudam a compreender e despertar interesse, prenderam o Gonçalo de tal maneira que não queria arrancar dali. Tive que encurtar o plano do passeio pois demorámo-nos muito tempo naquelas ruínas.

Esta visita foi para o meu neto valiosíssima: o local ajardinado era agradável e as explicações, a reconstrução dos mosaicos, os desenhos, os mapas, a classificação e o erro dos achados, as peças expostas e as legendas, tudo foi para ele uma revelação que o ajudou a compreender o sentido das conversas que anteriormente tiveramos.

Quem conhece como está Milreu e como está Vilamoura pode compreender as razões porque esta criança reagiu de forma diferente perante as duas estações arqueológicas. E, além de compreender, poderá talvez encontrar explicação para outros problemas, entre os quais o desinteresse e a indiferença das pessoas por certos assuntos não serão os menos importantes.

3.ª PÁGINA